MITOS E SÍMBOLOS NA MIGRAÇÃO PRAIANA
"O CASO DE ALMOFALA"

MARIA BRUHILDA TELLES DE SOUZA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO
CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA DO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE

FORTALEZA - 1983

CAPÍTULO I - A TERRA DA REDENÇÃO

a) Almofala como Pólo Religioso

A localidade de maior importância da região acarauense, no século XVIII, ficou sendo almofala, que pelo fato de ser o povoado de maior expressão, mereceu as atenções das autoridades administrativas e eclesiásticas. Desde que foram concedidas as terras aos índios Tremembés sob a forma de sesmarias, tiveram início os trabalhos de evangelização e o povoado passou a ser considerado sede de Freguesia[1] e da aldeia dos Tremembés.

O primeiro missionário dos Tremembés não foi Jesuíta como alguns historiadores afirmam, pois quem destaca-se como pioneiro na evangelização dos índios citados, foi o padre José Borges de Novais, que viveu entre eles durante vinte anos. O padre Novais pertencia à irmandade de Nossa Senhora da Conceição, a qual se considera como fundadora e administradora da primeira igreja construída em Almofala, em 1702. Segundo os relatos de padre Antônio Tomás, profundo conhecedor da história almofalense, a igreja era de taipa e coberta de palha, posteriormente, é que se deu a construção em alvenaria. Em seu estilo barroco, é considerada um dos mais belos templos do século XVIII, e uma obra de arte dos dias atuais. Os trabalhos de construção foram dirigidos pelo capitão-mor Manoel Rodrigues Ribeiro da Costa, que se responsabilizou em receber todo o material procedente da Bahia, em embarcações que vinham carregar carne-seca, no

---

[1] Freguesia - diz respeito a uma unidade territorial, sobre a qual se estende a jurisdição espiritual de um vigário. A população é subordinada eclesiasticamente a um pároco. É neste território em que está localizada a igreja matriz.

porto de Oficinas[2], no rio Acaraú. Em seguida, este material que constava de madeira, telha e tijolo, era transportado até ao local da construção, através de carros puxados a bois, percorrendo uma distância de 30 quilômetros aproximadamente. Calcula-se que os trabalhos de construção tenham sido iniciados em 1712, data que está gravada na principal porta da igreja, sendo que o término da obra durou cerca de 46 anos. O que nos leva a aceitar o ano de 1758 como a data de conclusão são os recibos passados por José Lopes Barbalho e Francisco Rosa, como empreiteiros dos serviços de construção da igreja. RENATO BRAGA em seu dicionário Geográfico e Histórico do Ceará, pp. 81-82, nos mostra os recibos que foram transcritos na RIC, 9 (1895):

> "Certifico eu abaicho asignado que estando na freg.ª do Ceará fuy chamado dos Irmãos de Nossa S.ra da Conceição do Tramambé p. o effeito de lhes fazer a Igr.a da d.a Sra. a qual com elles ajustey tanto paredes como madeiramento com hum corredor e roda por presso de Duzentos e Sessenta mil rs. p.te em animaes e p.te em dr.o de contato, cujo pagam.to em principiado a fazer os Administradores da d.a Irmandade e o R. do Administrador Elias Pinto de Azevedo me entregou o ultimo pagamento e por estar pago e satisfeito servirá esta de quitação de paga: juntamente certifico em como estou pago e satisfeito do Presbitico o que o R. Pe Elias Pinto de Azevedo a sua custa em mandou fazer, do Arco da Capella mor que o Cap. m Ignácio João e Luiz Vr.a commigo ajustaram, do Cruzeiro e portoes das portas Travessas que o R.P. Agost.o me encomendou, da porta principal e das janellas do coro que o Tenente Fran.c Coelho de Carv.o e o C. Ignácio João Coimbra commigo ajustarão, e p.a o todo tempo constou desta ver.e e por eu estar em huma como p.e morrer já com todos os Sacramentos, e por esta cauza não poder fazer esta no L.o das contas da dita Irmandade como determinou o R. Vig. or Fr. Manoel de Jesus M.a pedy e requery a Manoel Gomes Correia esta por mim fizesse e asignasse com testt.a junto com o R. Vigr. da V.a do D.r Ant.o de Carv.o e Albuqr.e Cayssara 30 de abril de 1758. José Lopes Barbalho. Ant.o de Carvalho e Albuq. e Manoel Gomes Correia".

---

[2] Oficinas - designação dada à cidade de Acaraú, no tempo das charqueadas.

"Certifico en abaxo asinado que fiz as portas da Igr.a de N.a Sr.a da Conceição dos Tramambes por cujo feitio Recebi sincoenta mil Reis que me pagou o Rd.o P.e Luis Fernandes de Carvalho Misionario que entam hera na d.ta Aldeya e de como estou pago e satisfeito dos ditos sincoenta mil Reis e de hu cavallo que me deu o Rd.o Administrador Elias Pinto de Azd.o este de quitação de paga cujas portas me mandou fazer o d.to Rd.o Micionario de mdr.e que tinha pronta para a d.ta obra.

Juntam te sertifico em como estou pago e satisfeito de trinta mil reis que o administrador e mais Irmãos ajustaram darme pela hora da tribuna da dit.a Igreja e por estar pago e satisfeito das ditas hobras e não se me dever dellas mais nada e ter Recebido os ditos trinta mil reis da mão do Rd.o administrador Elias Pinto de Azd.o pedi e Rogei ao Tenente Joam Bapt.a de Verçoza este p.num fizece e asinase com huma cruz p. eu não saber ler e nem escrever. Hoje 17 de agosto de 1758. + de Franc.o Roza".

A vida religiosa do atual município de Acaraú, iniciou desta maneira em Almofala, que, além de ter tido a primeira e mais importante igreja da região, também foi o seu primeiro povoado, recebendo inúmeras influências da Irmanda de Nossa Senhora da Conceição. Segundo RENATO BRAGA no seu Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará, p. 88:

"O grande prestígio da irmandade se refletia diretamente no pequeno povoado que lhe era sede, podendo-se constatar a importância de que ele gozou nesses bons tempos pelo fato de nunca faltarem ali sacerdotes que curassem de perto as necessidades dos seus moradores e pela freqüência com que aí compareciam os visitadores eclasiásticos, de cuja presença sempre lhe advinham as maiores vantagens".

Coube também à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, a responsabilidade da construção do cemitério de Almofala, nos meados do século XVIII. Parte do material empregado na construção, também veio da Bahia, nos navios que vinham ao Porto das Cacimbas, comercializar carne-seca. Neste período, Almofala se destacava na região por ser o local mais bem assistido pela Irmandade, que tinha os seus principais sócios, com os interesses sempre voltados para aquela histórica povoação.

Não obstante, a atividade econômica básica ser a pesca, a povoação também se dedicou à agricultura, plantando milho, mandioca, cana-de-açúcar, cajueiro e feijão. A criação de animais praticamente não existia nos primeiros anos de existência do povoado. Esta começou a se desenvolver em outros povoados da região, principalmente a criação de gados. O comércio também era muito limitado, pois a economia era de subsistência. Os indivíduos fabricavam aqueles utensílios de que necessitavam, utilizavam objetos simples de cerâmica ou pedra e cabaças para depósito de água ou bebida. Suas roupas eram de algodão, pois possuíam fusos para fiar, daí se crer que eles mesmos fizessem seus tecidos. Aliás, um dos primeiros objetos comercializados no local foram os tecidos, que eram trazidos por viajantes que vinham até a localidade a procura de peixes. Posteriormente, em 1874, surgiram vendas de bebidas.

As três léguas de terras concedidas aos indígenas, eram usadas por quem delas necessitassem para fazer sua casa de moradia ou para o plantio de produtos agrícolas. Não houve a preocupação por parte dos tremembés, em transformar as terras que lhes foram doadas em propriedade privada, para eles as terras eram da santa padroeira para servir a quem delas necessitassem.

Suas casas eram feitas de taipa e cobertas de palha, ou completamente de palhas de coqueiro ou carnaúba, com o chão de barro batido, não havendo cercas para dividir a terra ou formar quintal. A primeira construção de alvenaria foi a igreja, que passou longos anos destacando-se no povoado, como algo muito importante. Alguns chegaram a ter a idéia de que havia sido a raínha de Portugal que havia mandado realizar aquela obra para os moradores do lugar.

ANTÔNIO BEZERRA, em suas Notas de Viagem, afirma que em 1884, quando esteve em Almofala, esta era composta de duas ruas de casas de aparência pobre, que se situavam de um lado e de outro da estrada. Entre as duas ruas, para o lado leste, ficava a igreja. O referido autor também refe

BH/UFC R933864 CATIVO

riu-se a ter encontrado na povoação visitada o artista Lourenço Correia de Souza Lima, que fazia diversos trabalhos, dentre os quais

> "chapéus de todos os feitios, flores artificiais das mais perfeitas, instrumentos de música, entre outros um clarinete com chaves de metal, que em nada desmerecia dos fabricados no estrangeiro, estátuas, obras de difícil entalhadura, desenhos gravados em madeira, produtos de fotografia, uma infinidade afinal de objetos curiosos, que noutra parte teriam subido valor, entretanto aqui passam despercebidos". ANTONIO BEZERRA, 1965, p. 379).

O artista citado deve ter aprendido a desenvolver suas habilidades na capital do Estado, pois consta que ele, antes de vir para Almofala, tenha morado algum tempo lá.

Os meios de transporte naquela época, eram os terrestres, através de carros-de-boi e tropas ou comboios de burros. Os indivíduos se locomoviam de uma localidade a outra, em cima de animais e na maioria das vezes a pé. Os contatos com outras regiões eram raros e aconteciam de maneira indireta, através do porto de Oficinas, nas margens do rio Acaraú, onde atracavam embarcações que vinham da capital, de outros estados e até mesmo da Europa, com objetivos comerciais ou de exploração da terra. Em nenhuma das localidades circunvizinhas, havia estradas que levassem os indivíduos a Fortaleza. O contato mais intenso era com Sobral, em decorrência das transações comerciais na antiga região de Acaraú, havendo uma estrada de carros-de-boi ligando uma vila a outra. Afora isso, os almofalenses recebiam a visita constante de padres da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, o que lhes proporcionava um maior contato com o mundo exterior, pois os padres indo até a localidade, todos tinham oportunidade de ouvir e conversar com uma pessoa de outras localidades mais desenvolvidas.

Quanto à instrução, podemos afirmar que foi iniciada com os trabalhos de catequese, embora que muito rudimentar, pois em 1766 o governador da capitania do Ceará, Borges da Fonseca, mandou à localidade um cabo de esquadra do presídio para dirigir os tremembés e um soldado para ensi-

nar as crianças a ler e escrever. Em 1868, a Câmara de Acaraú recebeu uma petição de Antônio Rego Memória, requerendo o pagamento do aluguel de sua casa, onde funcionava uma escola pública, que tinha como professor, o proprietário da casa.

O lugar era considerado pelas pessoas que moravam nas redondezas, como ponto de atração para moradia, não só pelo motivo religioso, mas por sua situação econômica, que apesar de ser rudimentar, possuía uma excelente fonte de subsistência, pois localizado em uma região praiana, havia abundância em peixes. No entanto, passado alguns anos, teve início o seu processo de decadência, pelos motivos que se seguem:

1) Sócio-econômicos

Podemos verificar que enquanto ocorreu a ascensão econômica e social da atual cidade de Acaraú, Almofala teve o seu processo de desenvolvimento entravado. A região acarauense é muito bem situada geograficamente. É banhada por um dos rios mais importantes do Ceará, que lhe proporciona excelentes terras agrícolas. Além disto situa-se próximo ao litoral, dando oportunidade ao desenvolvimento da pesca e ao serviço de cabotagem. Seus primeiros povoadores viveram no anonimato durante alguns anos e se dedicavam à pesca e criação de gados. Posteriormente exploraram a agricultura de produtos como feijão, milho, mandioca, mamona, cana-de-açúcar e algodão. Também se utilizaram da vegetação, que é rica em madeiras-de-lei, caatingas, capoeiras, carnaubeiras,oiticica, cajueiro e paina. O comércio local desenvolveu-se com rapidez, permitindo aos moradores a importação e a exportação.

Apesar de Almofala dar acesso a embarcações, foi em Acaraú que se localizou o Porto das Cacimbas, ponto de escalas até a segunda metade do século XIX, dos navios que vinham de Portugal para o Maranhão e dos que de Maranhão e Pará, iam para Pernambuco e Bahia. O Porto das Cacimbas é

formado por um dos braços em que se divide o rio Acaraú, ao aproximar-se do oceano. Localizado a cinco quilômetros da sede municipal, serviu no século XVIII de ponto de contato entre Acaraú e outras vilas interioranas cearenses, destacando-se, entre estas, Sobral, que através do seu processo de expansão e desenvolvimento econômico, concorreu para o desenvolvimento do território acarauense. Um dos fatos que concorreu para privilegiar a vila de Acaraú foi a existência de uma estrada de carros-de-boi que ligava esta localidade com Sobral, em decorrência da qual, o movimento comercial centralizou-se no Porto das Cacimbas. Este registrou um dos maiores movimentos portuários do Ceará, importando gêneros das províncias de Maranhão e Pernambuco e exportando algodão, cereais em grande quantidade, cera-de-carnaúba, sal e camurupim.

Ao surgir a indústria da carne-seca, a qual norteou toda a economia setecentista do Nordeste, coube a Acaraú centralizar este tipo de economia, pois era uma região rica em gados, com sal em abundância e de acesso seguro para as embarcações. Deste modo se tornou o centro da fabricação de carnes e entreposto das que vinham de Sobral. Por isso passou algum tempo se chamando Oficinas, local onde chegavam boiadas e carros de Sobral carregados de carne-seca. Daí seguiam nas sumacas em forma de carne, couros e solas para Pernanbuco e Bahia, de onde os navios traziam madeiras, tijolos e telhas para as construções locais. No tempo das charqueadas (1740-1790), a vida comercial de Acaraú recebeu um grande impulso, sendo intenso o fluxo dos carros-de-boi que transitavam diariamente desta localidade para Sobral.

Com as chamadas Grandes Secas, a economia acarauense foi abalada, pois todo o gado morreu, pondo fim às charqueadas e matando até mesmo muitas pessoas de fome. Apesar de ter tido muitos gêneros de primeira necessidade em abundância e por um preço ínfimo, não havia estocagens de produtos para suprir as necessidades surgidas com as estiagens. Todos estes produtos saíram em forma de exportação, deixando a população local em sérias dificuldades. Como a região

tinha atraído um grande número de pessoas, estas se apresentavam em número expressivo, vivendo, até os fins do século XIX, em casas de taipa e com um baixo padrão de vida. Com as secas, surgiu a assistência governamental para o local. Esta constituía-se na construção de obras públicas, com o intuito de manter a população empregada. Assim foram realizados serviços que posteriormente serviram de infra-estrutura para o crescimento do município. A população recorreu à pesca, à carnaúba, ao sal e ao coco da Bahia, enquanto eram construídos pelo governo açudes, pontes, estradas, os prédios da Cadeia, da Igreja, da Câmara e o Cemitério.

Desse modo, Acaraú teve condições de passar a município nos meados do século XIX, recebendo a denominação de Vila do Acaraú e desmembrando-se do município de Sobral. Após a instalação do município, a povoação passou a lutar com mais intensidade por sua autonomia, centralizando os poderes políticos, jurídicos, administrativos e religiosos no seu distrito-sede, ou seja na atual cidade de Acaraú.

2) Religiosos

Nos primeiros anos de organização de Almofala, a igreja fazia parte da Freguesia de Sobral, até que a 12 de setembro de 1766 o Bispo de Pernambuco criou a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Almofala e o seu primeiro pároco foi o Pe. Elias Pinto de Azevedo. Este fato aconteceu 66 anos antes da criação da Paróquia de Acaraú. Na região foi o primeiro povoado onde se centralizou a administração religiosa da população. A igreja era visitada não só por padres, cônegos e bispos, como por pessoas que moravam a várias léguas de distância. A festa da padroeira era realizada anualmente no mês de agosto. Durante nove dias havia novenas. Dentre estas, uma era dedicada aos índios, que participavam com bastante entusiasmo. No dia dedicado a eles, a igreja tinha suas portas enfeitadas de tranças feitas com a palha do coqueiro, arco e flexa. A limpeza da igreja, como varrer, espanar e arrancar as ervas que nas-

ciam ao redor do prédio, era realizada por grupos de índios, sob o comando do seu chefe. Os trabalhos realizados pela igreja resultaram em um sentimento religioso muito profundo entre os habitantes do lugar, que devotavam verdadeira veneração pelas imagens dos santos, que representavam Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosário, São José, São Miguel Arcanjo e São Benedito.

Enquanto a Irmandade Nossa Senhora da Conceição responsabilizou-se pelos trabalhos de evangelização em Almofala e suprimento das necessidades da igreja, havia uma intensa movimentação na povoação, que tinha constantemente a presença de um sacerdote que compartilhava dos problemas diários da população, colaborando muitas vezes na solução e fazendo com que as atenções das autoridades administrativas se voltassem para o local. Mas, com o declínio da irmandade, a partir de 1790, o povoado sentiu os efeitos. Com a decadência dos trabalhos de evangelização, terminou por ser transferida a sede da Freguesia para o Acaraú, em 5 de setembro de 1832. Um dos principais motivos do declínio da Irmandade foram as Grandes Secas, nos anos 1790 a 1793 e de 1823 a 1825, que acabaram com a economia da região, matando quase todo o rebanho. A Irmandade, que possuía várias fazendas, foi obrigada a vender algumas delas, já que não havia mais gado. Em 1830, alguns sócios ainda tentaram soerguê-la do estado em que se encontrava, mas depois de alguns anos deu-se o seu aniquilamento total.

Almofala voltou a ser sede da Freguesia em 1838, quando, por motivos políticos, a sede da Freguesia de Acaraú foi transferida para Santana, e restaudada a de Almofala. Em 15 de dezembro de 1842, quando a Assembléia Provincial estava dominada pelos correligionários do padre Antônio Xavier Maria de Castro, vigário de Acaraú e deputado, a sede da Freguesia de Santana, volta para Acaraú e novamente foi suprimida a de Almofala.

Em 1844, o presidente da Província José Maria da Silva Bittencourt recebeu uma representação dos almofalenses, solicitando a restauração da freguesia. Para fundamen-

tar a sua resolução, o Governo pediu informações sobre o estado da povoação e da igreja ao vigário de Acaraú, que considerou a igreja em péssimas condições, faltando paramentos e necessitando de reparos em que seriam gastos uma elevada quantia em dinheiro. O resultado foi o indeferimento do pedido. O cônego Antônio Pinto de Mendonça fez em 1847 uma visita à povoação e recomendou ao administrador da igreja que melhorasse o seu estado de conservação material e providenciasse os ornamentos necessários para a celebração dos sacramentos e missas. Desta data em diante, as visitas pastorais foram se tornando cada vez mais raras. A assistência religiosa da população era dada através do vigário de Acaraú. O povoado não mais teve um sacerdote com moradia permanente em seu meio, o sacerdote que lhes assistia morava a uma distância de trinta quilômetros, visitando os seus fiéis apenas uma ou duas vezes por ano, o que resultou em um isolamento crescente do povoado. A vida política e administrativa ficou sob à jurisdição de Sobral, até 31 de julho de 1849, ocasião em que Acaraú passou à categoria de vila e município. Na demarcação da nova unidade administrativa, a Câmara, a 11 de março de 1851, considerou de imediato dois distritos: o da sede e o de Almofala. No entanto, em 1851, foi suprimido através da Lei nº 873, para ser restaurado a 12 de dezembro de 1863, permanecendo nesta condição durante 27 anos. Com a criação do distrito de Tanque do Meio[3], em 6 de setembro de 1890, foi extinto.

Durante o período em que Almofala esteve na condição de distrito, a Câmara de Acaraú, elegia o Juiz de Paz[4] da localidade, o qual tinha atribuições jurídicas. De 1852

---

[3] Tanque do Meio - foi a primeira designação dada ao povoado que se situou a doze quilômetros de Almofala, constituindo atualmente o distrito de Itarema.

[4] Juiz de Paz - título concedido pela Câmara Municipal, ao cidadão, que apesar de não ser bacharel em direito, recebia atribuições de fazer cumprir "as leis e decretos", que diziam respeito aos interesses da coletividade e de todo o distrito.

a 1872 foram eleitos cinco juízes de paz, que se responsabilizaram pela organização social dos habitantes, até que em 13 de setembro de 1880, o Presidente da Província do Ceará, nomeou um subdelegado para o Distrito de Almofala, com a incumbência de manter a ordem e o cumprimento da lei.

Outros povoados mais próximos de Acaraú foram se desenvolvendo e passando à condição de distrito, como foi o caso de "Tanque do Meio", que absorveu o de Almofala, que, nos dois últimos decênios do século XIX, estava destituída de poderes político-administrativos e religiosos.

b) A Primeira Morte de Almofala

Por volta de 1897, uma duna situada a leste da Capela, começou a ser desmontada pelos ventos e a deslocar-se para o local onde estava situada a igreja e os casebres dos habitantes. Muitos não acreditavam que o povoado iria ser soterrado pela duna invasora, tinham o pensamento de que um milagre faria mudar o rumo tomado pelas areias, pois não seria possível o sepultamento do templo sagrado. Várias casas foram atingidas por uma camada de areia fina que penetrou pelas brechas, pelo teto e pelas portas, obrigando os proprietários a demoli-las, para construírem suas moradias em um local mais afastado.

Em 1898, o padre Antônio Tomás, vigário da Paróquia do Acaraú, em uma de suas visitas à povoação, verificou que a areia do morro, já havia invadido algumas residências e que o templo estava prestes a ser atingido. O vigário tomou a iniciativa de avisar o fato ao Bispo da Diocese do Ceará, Dom José Joaquim Vieira, que autorizou ao vigário, a mudar as imagens de Almofala para a Capela de Nossa Senhora dos Navegantes, em Tanque do Meio, recomendando que só processasse tal atitude como último recurso. Alguns meses depois, um dos últimos representantes da Irmandade Nossa Senhora da Conceição em Almofala, foi avisar ao pároco que

parte do teto da capela havia desabado com o peso da areia, que começava a cair sobre o templo. O sacerdote resolveu ir ao povoado no dia 9 de outubro de 1898, a fim de retirar as imagens transferindo-as para a capela indicada anteriormente pelo Arcebispo.

Como o Padre Antônio Tomás conhecia a religiosidade e fanatismo daquele povo, pelos santos da igreja, enviou-lhes com antecedência uma mensagem, comunicando a missão que tinha de cumprir. No dia marcado, o vigário chegou a Almofala, indo verificar o estado da igreja, que encontrou-a invadida pelas areias, uma parte do teto desabado e as imagens retiradas do altar e colocadas no batistério, que era o lugar mais seguro. Com a intenção de prestar uma última homenagem ao templo, Padre Tomás resolveu celebrar uma missa, convocou todos os fiéis, pediu-lhes que tirassem uma parte da areia que cobria o altar e o piso, a fim de possibilitar a celebração do ato.

A missa foi celebrada pela madrugada, às 4h30min, em que o vento era mais brando. Uma média de três mil pessoas, se fazia presente, pois não só a população local, como pessoas que moravam em lugarejos próximos, estavam aflitas para ver os últimos acontecimentos. Por ocasião do evangelho, Padre Antônio Tomaz utilizou as palavras para explicar os motivos de sua atitude. Explicou que estava ali para cumprir uma dolorosa missão, por isso necessitava da ajuda dos fiéis e com o intuito de sensibilizá-los, afirmou que a Santíssima Virgem estava rogando a seus filhos que salvassem aquelas imagens, ajudando a retirá-las daquele local onde iriam sucumbir. As palavras do reverendo foram em vão. Antes de terminar o ato sagrado, ele começou a ouvir murmúrios, gemidos, ais e soluços.

RENATO BRAGA utiliza o próprio padre Antônio Tomás para nos informar o que este presenciou ao procurar saber de onde partiam as lamentações e quais as causas:

> "Ajoelhadas à porta do batistério, em frente às imagens escassamente iluminadas pelos vacilantes

> clarões de fumarentas lâmpadas de querosene, algumas mulheres, desfeitas em pranto, cantavam, ou antes gemiam um bendito à S.S. Virgem, composto de quadros singelos em que se despediam dela com os mais tenros adeuses e a que respondia em coro a multidão, batendo rijamente nos peitos.
>
> A esse canto, já de si repassado de indizível mágoa, vinham juntar-se os fundos suspiros de uns, as lamentosas exclamações de outros, os mal contidos soluços destas e as dolentes súplicas daquelas; formando tudo aquilo um grande coro angustioso, cujos ecos, reboando pela igreja afora, iam perder-se ao longe, no seio adormecido da floresta". (BRAGA, Renato, 1964:95).

Os andores já estavam sendo preparados para o transporte das imagens, quando chegou um aviso para o padre, de que atrás do morro encontrava-se um grupo de caboclos armados, para impedir a saída das imagens.

O sacerdote mandou um convite para os chefes do grupo irem ter um entendimento com ele. Apareceram dois indivíduos chamados José Caboré e Pedro Duro, ambos armados de cacetes e punhais. Ouviram as explanações do padre e afirmaram que as imagens não iriam sair dali para nenhuma parte, nem mesmo se Deus fosse buscá-las. O reverendo resolveu pedir auxílio ao subdelegado Joaquim Martins dos Santos Filho, que, para evitar o conflito, prendeu os dois chefes. Enquanto conversavam o subdelegado e o padre, uma mulher conhecida por Joana Camelo, entrou na igreja, apoderou-se de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário e correu em direção ao morro onde estavam os homens acampados. O padre gritou para que alguém detivesse a ladra. Ninguém moveu-se. Ele próprio teve que enfrentar a luta. Joana Camelo ao ser interpelada pelo padre que a segurou pelo braço, negou-se a entregar a imagem. Enquanto isso, armou-se uma confusão geral. Alguns homens ao verem o vigário metido na luta, resolveram vir em seu auxílio, intensificando-se mais ainda o conflito. As mulheres desesperadas procuravam os maridos, filhos e irmãos, com a finalidade de acalmá-los, até que com a prisão dos dois indivíduos mais rebeldes, os ânimos serenaram, resultando em vários indivíduos com contusões pelo corpo e até brechas na cabeça.

Todos se acalmaram e terminaram seguindo em procissão, as imagens até a capela do Tanque do Meio, percorrendo uma distância de 12 quilômetros a pé, rezando e cantando benditos. Outros objetos da igreja, como um púlpito, dois sinos, um cálice e uma âmbula, seguiram para a matriz de Acaraú. Naquele momento, para o padre Antônio Tomás que acompanhou a vida religiosa de Almofala até os seus últimos instantes, aquele povoado juntamente com sua igreja, seriam soterrados para sempre, sem ficar nenhum vestígio do local onde teria sido a aldeia dos tremembés. Realmente, as areias do morro, soterraram grande parte do povoado e cobriram completamente a igreja. A população se dispersou, muitos dos decendentes dos tremembés foram localizar-se na praia da Lagoa Seca, com uma distância de três léguas.

c) A Redenção Frustrada e o Primado da Injustiça

Durante quarenta e cinco anos, a antiga igreja dos tremembés, permaneceu soterrada, até que no ano de 1941, correntes eólicas, começaram a deslocar as areias que cobriam o templo sagrado, em outra direção. Aos poucos, ressurgiu o local do antigo povoado, alguns dos habitantes que permaneciam nas redondezas, foram reconstruindo novamente suas moradias nas proximidades da igreja. Os antigos moradores da localidade, descobriam que a sua antiga igreja continuava erguida, logo que tiveram condições de entrar dentro do templo, começaram os trabalhos de limpeza, que foi realizado em forma de mutirão. A primeira providência foi a retirada da areia que ainda permanecia dentro da construção. Homens, mulheres e crianças com o auxílio de pás, latas e cuias trabalhavam durante o dia e parte da noite para levar a cabo a sua tarefa. Após a constatação da necessidade de recuperar a igreja através de reboco, mudança da madeira estragada e realização de uma pintura, a população reuniu-se em comissões para aquisição de recursos financeiros que cus

teassem as despesas. Realizou listas que pediam a contribuição monetária de pessoas moradoras na região e nas redondezas, organizou leilões e festas para aumentar a arrecadação.

Em 1943, após dois anos de luta pela reestruturação da capela, os almofalenses conseguiram trazer o responsável pela paróquia de Acaraú, padre Sabino de Lima, para celebrar uma missa e conclamar os fiéis ali reunidos a darem continuidade aos trabalhos de reestruturação e ampliação da igreja As portas foram trocadas, assim como o madeiramento e coberta do teto. Foi construído um cruzeiro no patamar, onde foi colocada uma imagem do Cristo Crucificado. Após estes trabalhos, a população reivindicou a volta das imagens que haviam sido retiradas da igreja na época da catástrofe que assolou o povoado. No dia 22 de janeiro de 1944, as referidas imagens saíram da capela de Itarema, em direção a seu antigo templo, acompanhadas por uma multidão. A procissão foi dirigida pelos missionários franciscanos Frei Jerônimo e Frei Evaldo, que ministraram os sacramentos aos almofalenses. Estes sentiam-se em estado de graça, agradecendo a Deus pela grande felicidade proporcionada, sentindo-se na obrigação de continuar zelando por seu templo sagrado. Com isto todos esperavam as recompensas da providência divina, que lhes proporcionaria uma vida mais fácil com o progresso da localidade. Em 1947, os habitantes de Almofala resolveram promover uma festa em ação de graças, homenageando Nossa Senhora da Conceição. Conclamando quem pudesse participar e ao mesmo tempo informar às pessoas que moravam mais distante do grande acontecimento, ou seja, o ressurgimento da igreja que havia sido soterrada há quase meio século, deixando a população local com os seus principais elos de ligação enfraquecidos. Foram transcritos convites no jornal "O Estado" de Fortaleza, anunciando o período das comemorações. Grande número de fiéis, de Acaraú, Itarema e municípios vizinhos, compareceu aos festejos dirigidos pelo vigário de Acaraú, que voltou a ser o responsável pela vida religiosa almofalense.

A população local enquanto preparava a igreja para

ter condições de ser o local onde fossem processados os atos litúrgicos, também tratou de resolver os seus problemas relacionados com a habitação. Transferiu suas casas para as proximidades da igreja, casas estas que eram em sua maioria de taipa e cobertas de palha, com pisos de barro batido. Muitos dos descendentes dos tremembés preferiram continuar morando na praia da Lagoa Seca, onde também havia peixes para o seu sustento. Um deles, que viveu até 1975, nos deu como explicação o que se segue:

> "Os índios que viviam em Almofala, eram pobres, mas unido, nunca se preocupava em cercar a terra onde eles morava, acreditava que as terras eram da Santa, que cedia para os filhos dela necessitado. A terra não podia ser vendida porque santo não vende o que tem, a nossa padroeira era muito rica, tinha ouro, fazenda de gado e muitas terras que recebia de esmola dos que tinha e morava por essas banda. Mas depois que a igreja foi coberta pela areia e levaro os Santo daqui pra Itarema,acabou-se tudo, quando a nossa santa voltou foi sem nada, num pode mais nem ajudá os filho. Acho que os culpado foram os próprio padre que se encarregaro de levar ela daqui, juntamente com os pertence dela. Os índio tivero que se afastá, deixando as terra dele abandonada e quando quisero voltá, num foi mais como antes, porque num existia quem protegesse eles. Quem tava com o seu casebre levantado longe da rua da igreja, teve dificuldade em transferir a casa para o antigo local, por falta de condição, devido as despesa. Então os índio tinham vontade de voltá pra rua da igreja, ficá mais perto de sua protegora, mais como num pudero vim assim que a igreja foi descoberta pela areia, foram perdendo o local de suas casa, porque começou a chegar gente de todo lugá que fica aqui por perto. Essas pessoa vinha e fazia suas casa, nos melhó local. Foi quando apareceu as primeira casa de tijolo e coberta de telha, agente começou a se acanhar de ter uma casa pobre, perto de uma melhor, a gente também se achava mais pobre do que os outro. Os que não era descendente dos índio, se achavam mais importante, os índio ero considerado inferior, por ser mais besta e ignorante. Eu ainda hoje moro perto da igreja porque meu pai foi capitão dos índios tremembé, eu herdei essa patente dele e por isso, fiz minha casinha aqui bem pertim da igreja, esperando que os outro me acompanhasse também, mais não foi possível, uns ficaro mesmo na Lagoa Seca, apesar de num deixare de vim visitar os parente que se mudaro novamente prá cá. Os que vinhero depois de mim, já encontraro

> a rua da igreja, com muita construção de gente branca, então preferiram fazer suas casinha mais afastado, mais perto da praia. Assim os índio se espalharo e os que vinhero de fora, mais sabido, começaro a tomá conta do lugá".[5]

Convém ressaltarmos que na relação de sesmarias do Ceará, consta o registro de três léguas de terras, situadas entre os rios Aracati-Mirim e Aracati-Açu, concedidas ao padre José Borges de Novais e a seu irmão Alexandre Borges de Novais, em 13 de janeiro de 1707. Apesar destas terras terem sido destinadas aos índios, estes não tiveram condições de deter a posse, fato que ocorreu em quase toda a sociedade brasileira, em relação a seus habitantes indígenas, em decorrência da criação de leis que surgiram posteriormente, tentando regulamentar a posse de terras.

Com a extinção da lei de Sesmarias em 1822, surge um período em que as terras ficam devolutas, detendo a posse da terra aquele que estiver fixado nela. Em 1850, foi criada a nossa Lei de Terras, que institui como forma normal de obtenção da propriedade, a compra[6]. O indivíduo para se tornar proprietário, deve comprar suas terras de quem as possua com título legítimo, ou ao Estado. Aqueles que já ocupavam terras por mais de vinte anos continuadamente, poderiam ir ao cartório e regulamentá-las, em benefício próprio, através do usucapião. Em muitas localidades rurais não existia cartório, como é o caso da comunidade ora em estudo. Os indígenas poderiam ter apelado para o registro paroquial das terras mas não chegaram a tomar conhecimento dos mecanismos utilizados para a legalização de terras, em decorrência do isolamento em que viviam, da falta de instrução, enfim da situação de dominação em que se encontravam na sociedade. Com a vigência da Lei de Terras, tornava-se necessário que os índios tremembés confirmassem em cartório ou na paróquia suas terras provenientes das antigas sesma-

---

[5] De uma entrevista.

[6] Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, nascida do projeto do Visconde de Itaboraí.

rias. Além de não ter acontecido este fato, a situação agravou-se com a dispersão da população indígena após a invasão das dunas em seu habitat, deixando suas terras abandonadas, durante longo período. Este fato proporcionou às pessoas que chegaram de fora construírem suas moradias nas referidas terras e regulamentá-las com o correr dos anos em benefício próprio, no cartório de Acaraú.

Atualmente os descendentes dos tremembés são quase totalmente destituídos de terras, possuem apenas um casebre para morar, mas em terras que legalmente não lhes pertencem. Por ocasião da reorganização dos antigos moradores de Almofala, muitos continuavam com a idéia de que jamais iriam ter problemas com terras para a construção de suas moradias, pois consideravam que as terras existiam em abundância e pertenciam a todos que delas necessitassem, não podendo ser vendidas ou transformadas em propriedade particular. Aqueles que fixaram moradia em uma pequena quantidade de terra, nos períodos de dificuldades econômicas ou em caso de doenças, vendiam a casa de moradia por um preço mínimo, pois consideravam que a terra não era objeto de comércio, prestando-se para tal, apenas o que houvesse sido construído. Parte do dinheiro recebido da transação era empregada para sanar as dificuldades imediatas, como alimentação e remédios. O restante era destinado ao início da construção de uma nova moradia, que ia sendo concluída durante longo tempo, dependendo dos períodos de maior ou menor prosperidade econômica. Alguns chefes de família chegaram a construir suas moradias e vender em seguida, por quatro ou cinco vezes, durante um período de vinte anos. Deste modo não detiveram a posse da terra, nem para atender as necessidades mínimas de sobrevivência, que é o local de fixação da moradia.

A partir da década de sessenta deu-se a valorização crescente das terras, que implicou em uma intensa luta por apropriação de terras. Atualmente os habitantes de Almofala, que não conseguiram deter os seus locais de moradia, encontram-se com sérios problemas. Alguns dispõem apenas da posse dos terrenos em que estão fixadas as suas habita-

ções, sem condições financeiras de regulamentá-las em cartórios, apesar de os custos destes variarem de acordo com o tamanho da propriedade. Outros, que fixaram residência há poucos anos em terrenos que estavam desocupados anteriormente, começam a receber ameaças para transferirem suas moradias para outros locais. Os que atualmente se consideram proprietários alegam que os referidos terrenos não pertencem aos que neles moram, pois estes não têm a documentação cartorial. Um destes moradores nos relatou o seguinte caso:

> "Meus pai num são natural de Almofala, vinhero pra cá no ano de mil novecentos e quarenta, por isso eu nasci e me criei aqui. Casei com dezoito anos de idade e nestes vinte anos de casada, já morei em várias casa. Há oito anos atrás nóis estava muito aperriado com a falta de dinheiro e quando um dos comerciante daqui resolveu ir embora pra Fortaleza, convidou o meu marido pra vir morar na casa dele, que era pra num ser invadida por qualquer pessoa. Eu pensei e combinei com o marido, para vender nossa casinha, assim a gente ia pegar em algum dinheiro, sem precisar de gastar em uma casa pra morar. Vendemo o casebre e se mudamo pra casa que tinha sido oferecida a nóis. Acontece que nóis gastemos o dinheiro da venda com comida e quando num tinha mais nada, as parede da casa que nóis estava tomando de conta, começou a cair. O proprietário achava que nóis era que devia fazer os reparo porque tava morando nela de graça. Nóis tivemo que sair da casa antes que ela caísse em cima da gente. Arranjamo com dificuldade um barro e umas palha para levantar esta cafifa que nóis mora hoje. Mais o pior é que nóis num sabia nem aonde localizasse o casebre, o local que a gente escolhia, vinha um e dizia que o terreno era dele e que num consentia. Nóis resolvemos procurar um lugar mais afastado, aonde ninguém tivesse interesse pelo terreno, por isso vinhemo construir aqui bem próximo do cemitério que era totalmente desabitado. Depois desta nossa moradia aqui apareceram mais quatro. O pessoal tem dificuldade em arranjar terreno pra suas casa, o jeito é vim pra junto do cemitério. Mesmo assim eu vivo preocupada, porque há dois anos atrás apareceu um indivíduo que já tinha morado aqui, o tal comerciante que foi pra Fortaleza e me deixou na casa dele, dizendo que este terreno era dele, que ia precisar para vender a outro e que nóis retirasse nossa cafica, que nóis tinha feito ela neste local sem o consentimento dele. Eu respondi que nunca tive conhecimento de que este terreno pertencesse a ninguém, a não ser à Santa e por isso nóis num ia sair porque num tinha pra onde ir. Ele respondeu que ía trazer um advogado aqui e

os papéis do terreno que estava passado em Cartório e com uns dias mandou cercar tudo. Só deixou mesmo o local de nossa casa que fica quase no meio da rua. A cerca dele passa na porta da cozinha, nóis num pode fazer mais nem fazer um banheiro de palha, porque num tem lugar. Eu nunca tive conhecimento de nem um dono deste terreno, apesar dele dizer que tem testemunha de que comprou o terreno, eu num acredito porque até o povo disse que este terreno nunca tinha sido apossado por ninguém. Nóis estamo aguardando pra ver se ele vai chegar um dia com esse advogado e os papéis, aí nóis acredita, também ele pode levar qualquer pessoa e mostrar qualquer papel, que nóis num entende nada. Já ouvi dizer que ele já vendeu o terreno pra outro rapaz que mora em Fortaleza, que quer fazer uma casa aqui para passar as férias. Assim acho que nóis vamo terminar tendo que sair mesmo, aí num sei aonde é que nóis vamo botar nossa casa, só se for nos ares, porque os terreno que tem, todos já se apossaram e num vão deixar. Até os terreno da Santa já tem dono e assim eu num sei como vai ficar a situação".[7]

---

[7] De uma entrevista.